



O sonho, objeto de comércio^{1,*}

Marília Aisenstein**, Paris

Através de exemplos clínicos a autora traz a sua abordagem do trabalho com os sonhos, quando se trata de pacientes psicossomáticos. Dentro da idéia central de mostrar ao paciente que o analista tem muito interesse em negociar o funcionamento mental, esta técnica de trabalho dos sonhos inclui um modo lúdico, no qual o analista e o paciente compartilham a invenção do sonho. Para a autora, tão importante quanto interpretar sonhos é a tarefa de conversar, comercializar em torno de um sonho. Este modo de ativar o trabalho mental está próximo daquilo que os psicanalistas psicossomáticos, a partir de Pierre Marty, denominaram de reanimação psíquica.

Descritores: psicossomática, sonhos, técnica psicanalítica.

1. N.R.: Em francês *commerce* é também usado no sentido de trocas.

* Este artigo foi traduzido pela Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre para fins de estudo para a atividade científica com a Dra. Marília Aisenstein realizada em agosto de 2004.

** Psicanalista, Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Paris.



Nicos Nicoláidis evocou o papel de *escriva* do psicanalista; quanto a mim, proponho uma outra função: a de negociar e de *brincar*² com os sonhos nos tratamentos de pacientes somáticos. O Tratado de Aristóteles, que a tradição nos transmitiu sob o título *A adivinhação pelo sono* (mantiké), diz respeito, de fato, ao que chamaríamos hoje de ciência dos sonhos. O helenista J. Pigeaud propôs, inclusive, como tradução do mesmo, *La vérité des songes* (*A verdade dos Sonhos*):

“Não há nada de tão desordenado, de tão desregrado, de tão monstruoso que não se possa apresentar a nós nos sonhos” (Aristote, 1995, p.31).

Os sonhos assediam os mortais sem que estes possam fazer algo para impedi-lo. É uma experiência comum, comum a todos os homens, comum também à animalidade. A fome e a sede são também experiências comuns que envolvem, no que diz respeito à humanidade pelo menos, o destino cultural. Porém o sonho tem algo mais, por ser uma experiência que envolve, de certo modo, o conhecimento, digamos, uma forma de conhecimento. Será que os sonhos são portadores de saber; e, neste caso, de que saber? Será que nos dizem algo? A quem o dizem? Como o dizem? Será que nos informam sobre o futuro, são *proféticos*? Mas então de onde vêm? Não seria dos deuses?”

Aristóteles descarta a idéia de uma origem divina do sonho, pois todo homem sonha. Parece, assim, absurdo que qualquer pessoa se torne, em seu sono, o mensageiro dos deuses. A origem do sonho é, portanto, interna à sua sede, o ser humano. Além disso os sonhos estão relacionados com a natureza. Ora, a natureza não é divina, é “demoníaca”, nos diz Aristóteles. Não é absolutamente necessário recorrer ao extranatural para estudar os sonhos. Esta concepção o leva a examinar de perto a literatura médica da época, pois o texto capital, que deve sempre servir de referência, é o *Regime IV* de Hipócrates:

“Aquele que tem um conhecimento exato dos sinais que se produzem no sono achará que os mesmos têm um grande peso sob todos os aspectos. É porque a alma, quando está a serviço do corpo desperto, divide-se entre muitas tarefas; ela não está disponível para si mesma, mas se dedica parcialmente a cada faculdade do corpo, à audição, à visão, ao toque, à caminhada, às atividades do corpo inteiro; a inteligência não pertence a si mesma. Porém, quando o corpo se mantém tranqüilo, a alma, posta em movi-

2. N.R.: No sentido de lúdico.





mento e desperta, administra seu próprio domínio e realiza sozinha todas as ações do corpo; enquanto este dorme e nada sente, a alma desperta tudo conhece, vê o que é visível, ouve o que é audível, caminha, toca, aflige-se, reflete, no espaço estreito em que se mantém; durante o sono, todas as funções do corpo ou da alma são cumpridas pela alma” (Aristote, 1995, p.32).

O estudo dos sonhos como sintomas das doenças é, pois, bem conhecido pelos médicos contemporâneos do autor do *Regime* e por seus predecessores. A pressuposição de um psiquismo ancorado no corpo e correlativo à fisiologia do sujeito que dorme leva Aristóteles à hipótese de uma dimensão diagnóstica do sonho, afirmada por Freud em *O suplemento metapsicológico à teoria do sonho*, que ele atribui à “ampliação hipocondríaca” que se dá durante o sono.

Mais adiante Aristóteles confronta o sonho a uma problemática já presente em *Problemas* (X), e esta diz respeito à força e à origem do sonho, trata-se do oneirôgmos ou sonho erótico. Caelius Aurélien fizera a seguinte descrição do mesmo:

“Durante o sono, sob o efeito de imagens sem realidade (*inanibus visis*), pacientes sofrem de emissão de esperma. Ora, o nome vem do sintoma, visto que o sonho está na origem do efeito venéreo provocando-o. Porém, em geral, não é uma doença, tampouco o acidente de uma doença – que os gregos chamam de *symptôme* – mas é a consequência de imagens, às quais os gregos dão o nome de *phantasia*, que afetam os pacientes em seu sono por causa da vontade do prazer sexual, ou seja, por causa de um desejo constante e ininterrupto, ou então, ao contrário, devido a uma longa interrupção da prática sexual e a uma continência...” (...) “O sonho venéreo se produz somente no momento em que os pacientes adormecidos imaginam o coito em visões sem realidade” (Aristote, 1995, p.41).

As percepções diurnas ativam, portanto, imagens no sonho, que, por sua vez, envolvem o corpo. A partir da questão do oneirôgmos, Aristóteles vai lançar uma questão crucial para nós, psicanalistas:

“Por que a maioria dos animais além do homem jamais emite esperma durante o sono e os outros o fazem raramente? Será por que nenhuma criatura além do homem dorme de costas e por que a emissão do esperma ocorre unicamente nesta posição? Ou então será por que os outros animais não sonham tanto e o oneirôgmos vem acompanhado por imaginação?” O Pro-



blema IV (877 a 9) (...) “Observa-se que o oneirôgmos ocorre sem esforço, enquanto que, no estado de vigília, o ato sexual requer esforço. O caráter espontâneo é importante: várias passagens dos Problemas tendem a estabelecer uma teoria fisiológica do sonho erótico e a recusar assim uma causalidade das imagens. Deste modo, o Problema V, dedicado à fadiga, pergunta por que razão são as pessoas cansadas ou consumistas que sofrem o oneirôgmos” (Aristote, 1995, p.43).

O impulso vem, portanto, do interior. Lembro aqui um argumento dado pelo laboratório de Jovet contra a teoria freudiana dos sonhos. Experiências com gatos adormecidos cujas motricidade havia sido desinibida mostravam, em longos períodos de observação, que tais gatos imitavam a corrida, a caça, a ação de comer ou de brigar, mas nunca um ato sexual. A conclusão dos pesquisadores foi de anular a origem sexual do sonho no gato e, por conseguinte, no humano. Parece-me, particularmente, que Aristóteles já se debruçara sobre esta questão, indagando melhor que muitos neurobiólogos a ação do inconsciente. Mas devo agora deixar Aristóteles para voltar a nossos pacientes de hoje e ao manejo de seus sonhos no tratamento.

Se, por um lado, concentro-me aqui mais especificamente na clínica dos pacientes que sofrem de doenças somáticas, minha apresentação diz respeito, por outro lado, aos sonhos nos sujeitos *não-neuróticos* em geral. Gostaria de revogar, em primeiro lugar, algo que foi veiculado durante muito tempo como um dogma e que se trata, a meu ver, de um mal-entendido. Não é verdade que os pacientes somáticos não sonham. Sonham, mas não fazem destes sonhos nenhuma elaboração secundária que esteja inserida num feixe associativo. Isto equívale a dizer, com todas as nuances possíveis, que seus sonhos muitas vezes não são interpretáveis de acordo com a hermenêutica clássica da psicanálise *stricto sensu*.

Darei aqui alguns exemplos de sonhos relatados durante o trabalho analítico, na maioria das vezes face a face. Isto afim de expor modalidades técnicas que procuram fazer do sonho um assunto de diálogo e de conversa que possa funcionar como uma elaboração secundária comum e compartilhada entre os dois protagonistas da situação analítica.

Um paciente me conta com muita tranquilidade e como que *de passagem* um sonho da véspera: – “Encontro meu pai na rua, e ele me sodomiza”. O paciente praticamente não conhecera seu pai, que havia morrido há muito tempo. Alertada pelo aspecto sintônico do relato desse sonho, pergunto-lhe se se trata de um pesadelo que o teria despertado. “Claro que não”, responde-me Xavier, apressado para mudar de assunto, pois se acostumara a contar suas noites no início da sessão para





depois relatar o que lhe acontecia durante o dia.

Volto ao sonho, insistindo no que ele havia sentido durante o seu decorrer e quando se lembrara do mesmo para me descrevê-lo. Xavier nada tem a me dizer a respeito. Ora, de minha parte, estou firmemente decidida a não interpretar seus desejos de penetração anal, mas a mostrar-lhe o aspecto cruamente traumático desse sonho, que, em qualquer neurótico, a censura teria transformado em pesadelo. Sugiro-lhe então que, se eu tivesse sido o autor do sonho, me teria sido difícil conservar sua indiferença. Além disso, acrescentei, eu provavelmente teria algum constrangimento em contá-lo. Talvez porque me ponho pessoalmente em causa, Xavier parece interessado.

– “É verdade”, comenta ele, “isso parecia um pouco como um filme pornô, ainda mais que havia pessoas passando na rua”. Parece perturbado de repente:

– “Você sabe muito bem que não sou um homossexual!”

– “Certo”, digo eu, “mas seu pai fez muita falta a você quando você era pequeno.”

Lembro-lhe então um relato de alguns meses atrás. Ele havia cometido um delito, como era costureiro, arrombando um carro estacionado para roubar um par de óculos escuros que bruscamente havia desejado. Um policial à paisana o surpreendeu, o levou para seu próprio carro estacionado mais adiante, administrou-lhe um verdadeiro corretivo, bofetadas, socos no peito, puxões de orelha, chamando-o de “imbecil”. Em seguida esse oficial da polícia o deixou partir sem outra forma de processo, aconselhando-o a sempre manter na memória tal episódio. Xavier mostrou-se emocionado, o que era raro acontecer-lhe, terminando sua história deste modo – “Um verdadeiro cara, um homem legal, este tira”. Havíamos evocado então o prazer do contato físico com um homem que, mesmo batendo, soubera tomar conta dele.

A lembrança de um relato sobretudo fatorial adquire, a meu ver, *a posteriori*, valência de cenário que confrontamos com a cena crua do sonho, conferindo-lhe assim seu valor de objeto de comércio, podendo dar acesso a outras cadeias representativas. O termo mais apropriado me parece ter sido o de *objeto transicional*, mas, desde Winnicott, o objeto transicional tem uma significação bem precisa. O comércio, numa acepção antiga, define um modo de trocas que penso convir à arte da conversação em torno de um sonho.

Sem multiplicar os exemplos, falarei aqui de uma técnica às vezes oralmente preconizada por Pierre Marty. Consiste em *inventar* um sonho com um paciente ou *brincar* de modificar, enriquecer um sonho pobre, seco, cujo conteúdo, às ve-





Marília Aisenstein

zes, parece traumático. Assim, uma paciente, que eu diria apresentar uma neurose de caráter e um forte sistema defensivo com um masoquismo moral importante, sempre relata sonhos muito próximos daquilo que ela vive. Mais uma vez conta “uma partida de tênis em que está exausta, se enerva, evidentemente perde e se sente humilhada.”

Depois de lhe perguntar por que dá um jeito de perder mesmo sonhando, proponho-lhe brincar de imaginar um outro final. Isto a faz lembrar uma cena da infância: ela havia ganhado uma partida de críquete contra sua irmã pequena; esta soluçara tanto que a mãe, sem saber o que acontecia, esbofeteara, castigara a mais velha. Pela primeira vez, pois, torna-se possível abordar com ela o ódio que jaz na base de suas condutas.

A abordagem do sonho como objeto de interpretação, mas também de comércio, existe há muito tempo. Uma revista de antropologia publicada em 1998 intitula-se *Rêver* e ensina-nos que, na China, perto do Fujian, se encontra o Monte das Pedras e dos Bambus, onde, desde o século XVI, viajantes assinalam a presença de um templo que acolhe os pedintes de sonhos. B. Bapandier (1996) descreve esse templo que recebe peregrinos vindos de toda a China para dormirem e obterem um sonho.

A impossibilidade de contar um sonho parece fazer parte dos temores desses insólitos clientes em busca de sonhos. O sentimento de rejeição e de impotência destes sujeitos que dormem sem sonhos não deixa de evocar alguns pacientes aborrecidos por oferecerem a seus psicanalistas apenas o relato de suas noites despovoadas.

Aqui a atividade onírica se constitui em si como um privilégio, pouco importando, no entanto, que se traga ao adivinho intérprete um sonho verdadeiro ou uma história inventada na hora. Esta última adquire *in situ* o estatuto de sonho, pois “sua mente se anima, se manifesta por palavras, não havendo, portanto, nenhuma diferença em relação a um sonho verdadeiro”, explica Siuan, um célebre oniromante. Este modo de ativar o trabalho mental pode parecer muito próximo daquilo que os psicanalistas psicossomáticos, a partir de Pierre Marty, denominaram a *reanimação psíquica*.

Brigitte Bapandier, do Laboratório de Etnologia de Nanterre, durante várias permanências no local, estudou cuidadosamente uma monografia do culto deste lugar, uma coletânea de sonhos dos peregrinos desde a época Ming até nossos dias e um tratado das fichas divinatórias do templo. Ela mesma registrou também relatos de sonhos e confrontou a compilação destes documentos com o ponto de vista de outros especialistas atuais da adivinhação. O texto muito apaixonante da autora descreve uma abordagem do sonho e de sua interpretação próxima da-





quela oriunda da prática psicanalítica. Com efeito, cada etapa da montanha que os peregrinos transpõem oferece um modo de adivinhação. A relação com o sonho é aqui codificada e coletiva, mas também íntima.

Especialistas da glifomancia analisam os sinais escritos e procuram o desejo secreto a partir do lapso e do *erro de ortografia*. O intérprete oficial do templo apóia-se nas fichas divinatórias, contudo, igualmente, leva em conta a personalidade do fiel.

A ascensão até o templo e a permanência lá podem, pois, ser compreendidas como uma ascese que tem como fim desvendar um sentido intimamente ligado ao sujeito que se lança em tal empreendimento, a tradição e a viagem servindo de enquadramento, como no tratamento psicanalítico.

O artigo de Brigitte Bapandier mereceria por si só um longo estudo a ser feito por psicanalistas que dele destacariam provavelmente facetas muito diversas da condição da vida onírica e do destino do sonho nas culturas do Extremo Oriente. Aprendemos, assim, que o valor de diagnóstico preditivo do sonho, assinalado por Freud em 1917, e muito antes por Hipócrates, também era conhecido na literatura médica chinesa clássica. Do mesmo modo, o sonho suscita várias interpretações, pois “ele se desenvolve (...), o caminho dos sonhos não é direto”, explica o bibliotecário do templo.

Destacarei aqui apenas uma breve passagem que pode nos deixar *sonhadores*; diz respeito ao sonho de um outro como objeto de cobiça ou mesmo de intercâmbio entre o sonhador e o intérprete. Assim, no século XII, duas irmãs japonesas contam um sonho. Uma o faz, e a outra compreende o sentido oculto e a ambição do mesmo, comprando-o então de sua irmã mais nova em troca de um espelho antigo, trocando assim a vontade de um grande destino por um objeto portador apenas de sua realidade...

Esta história antiga contada de geração em geração pareceu-me condensar sentidos e ensinamentos múltiplos não apenas sobre o trabalho de interpretação de um sonho, mas também sobre o jogo psíquico, as modalidades de transação que o relato de um sonho a seu destinatário e sua restituição ao sonhador em busca de significação representam. Não nos acontece ficarmos maravilhados com a riqueza e a força de um sonho contado no divã? Não nos apropriamos de tal sonho ao interpretá-lo? Será que o trabalho psíquico do analisando não relança, por vezes, o de seu psicanalista? Penso que, com muitos pacientes, é tão importante conversar, comercializar antes em torno de um sonho quanto fazer dele um objeto de interpretação. Antes de ser um escriba e um intérprete, o psicanalista pode, às vezes, desempenhar o papel de um negociante... □





Marilia Aisenstein

Abstract

The dream, object of commerce

Using clinical examples, the author presents her approach to work with dreams, when dealing with psychosomatic patients. According to the central idea of showing the patient that the analyst is very interested in negotiating mental functioning, this technique of working with dreams includes a play mode, in which the analyst and the patient share the invention of the dream. In the author's opinion, as important as interpreting dreams is the task of chatting, holding commerce around a dream. This way of activating mental work is close to what the psychosomatic psychoanalysts, beginning with Pierre Marty, called psychic reanimation.

Keywords: psychosomatics, dreams, psychoanalytic technique.

Resumen

El sueño, objeto de comercio

A través de ejemplos clínicos la autora trae su abordaje del trabajo con los sueños, cuando se trata de pacientes psicossomáticos. Dentro de la idea central de mostrar al paciente que el analista tiene *mucho interés en negociar el funcionamiento mental*, esta técnica de trabajo de los sueños incluye un modo lúdico, en el cual el analista y el paciente comparten la invención del sueño. Para la autora, tan importante cuanto interpretar sueños es la tarea de conversar, comercializar en torno de un sueño. Este modo de activar el trabajo mental está próximo de aquello que los psicoanalistas psicossomáticos, a partir de Pierre Marty, denominaron de reanimación psíquica.

Palabras llave: psicossomático, sueños, técnica psicoanalítica.





Referências

- ARISTOTE. *La vérité des songes. De la divination dans le sommeil*. Paris: Payot & Rivages. Traduit et présenté par J. Pigeaud, 1995.
- BAPTANDIER, B. (1996). *Entrer en montagne pour y rêver*. Le mont des Pierres et des Bambous. *Terrain: Rever*, n. 26, mars, p.99-122.
- FREUD, S. (1917). Complément métapsychologique à la théorie du rêve. In: *Oeuvres complètes*, t.14. Paris: PUF.

Recebido em 05/05/2004
Aceito em 18/08/2004

Tradução de **Vanise Dresch**
Revisão técnica de **Luciane Falcão, Luisa M. Rizzo e Magali Fischer**

Marilia Aisenstein
72 rue d'Assas,
75006 – Paris – France
E-mail: mariliaais@hotmail.com

© Medicine et Hygiène
© Revista de Psicanálise – SPPA